

Policlínicos marcam greve para 3 e 4 de Fevereiro

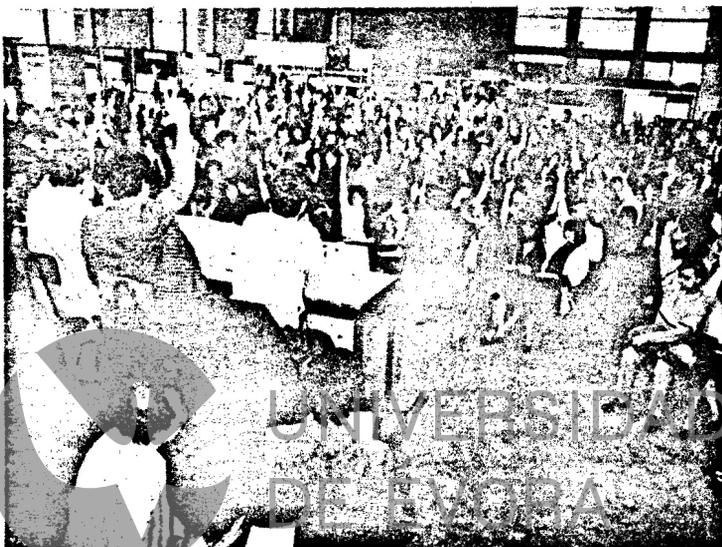
Médicos policlínicos da zona Sul vão fazer greve total nos próximos dias 3 e 4 de Fevereiro, por considerarem «as tomadas de posição e afirmações» da ministra da Saúde, Leonor Beza, «tentatórias da dignidade profissional de toda a classe médica».

Centenas de médicos aprovaram ontem, em plenário realizado no Hospital de Santa Maria, a proposta de greve, por unanimidade e aclamação. No texto, os policlínicos afirmam que, com a greve, pretendem reforçar as posições que têm vindo a apresentar, nomeadamente a «recusa total do Estatuto que se pretende impor aos internos gerais». Outra reivindicação é a do «direito ao trabalho de todos os médicos, porque, nas condições actuais, o Estado tem obrigação de assegurar o pleno emprego para os jovens médicos, tanto mais que a situação da saúde em Portugal o justifica». Exigem, também, «a execução dum estudo real das necessidades em saúde do País para que as decisões ministeriais não sejam puros actos de gestão economicista».

Os jovens médicos são obrigados a ir para a greve — segundo o documento — para terem a «possibilidade de acesso às Carreiras Médicas», «pela recusa do alargamento da matéria de exame» e como protesto «contra a manipulação da opinião pública feita pela ministra na tentativa de justificar medidas insustentáveis».

Não ao facto consumado

Durante o plenário, os participantes aprovaram um comunicado no qual consideram que as afirmações de Leonor Beza revelam «desconhecimento manifesto da situação referente à prestação de cuidados de saúde e ao funcionamento dos serviços hospita-



Policlínicos — P0, P2 e P3 — no plenário de ontem no Hospital de Santa Maria

lares», e «profundo desrespeito pelos profissionais da saúde e pelo seu trabalho». Para os presentes a actuação da ministra é uma «interpretação meramente economicista do programa de saúde do Governo» e demonstra «ignorância do que é na realidade a formação e diferenciação médica post-graduada».

«A insistência na criação do desemprego médico é um flagrante desrespeito pelas necessidades das populações nocampos da saúde», opinam os jovens médicos.

Tendo em conta as graves implicações da actuação de Beza, os médicos policlínicos decidiram «recusar o Estatuto indigno que se pretende impor aos médicos do Internato Geral» e «as alterações anunciadas no Decreto-Lei 310/82 (Carreiras Médicas)».

«Exigir a elaboração do mapa de vagas de acesso às Carreiras Médicas, levando em consideração um estudo sério e exaustivo das necessidades de saúde de todo o País», e «a não modificação dos moldes do exame de acesso às Carreiras Médicas

no que diz respeito à sua matéria» foram outras das decisões.

Os policlínicos disseram, de forma inequívoca, que rejeitavam «a política do facto consumado», nomeadamente a marcação extemporânea de datas de exame e alteração das suas condições de realização.

Para além da greve já decidida — que envolverá perto de 1200 policlínicos da zona sul — e da concentração que se vai realizar no próximo dia 29 junto à residência oficial do Primeiro-Ministro, vai correr um abaixo-assinado nos serviços entre Técnicos de Saúde e utentes e também entre a população, numa acção que visa esclarecer a opinião pública. «É preciso dizer que é falso que haja médicos a mais e que eles se recusam a ir para a província. Os médicos — afirmaram — querem trabalhar com um estatuto condigno, pois só assim podem servir eficazmente os utentes.»

No plenário foi anunciado que Cavaco Silva irá receber representantes dos policlíni-

cos no próximo dia 31 do corrente.

A gravidade da situação levou a Assembleia Regional da Ordem dos Médicos a marcar um plenário para o próximo dia 5, pelas 21 horas, na Aula Magna.

Adesões

A adesão à greve de 24 horas dos estudantes das Faculdades de Medicina de Lisboa foi de 100 por cento, afirmou um porta-voz da direcção da Associação dos Estudantes.

Recorde-se que os estudantes das cinco Faculdades Portuguesas de Medicina existentes no País estão em greve para protestarem contra a revisão da legislação das Carreiras Médicas e do estatuto do Internato Geral. Paralelamente, os estudantes de Medicina montaram ontem, mais uma vez, bancas de medição de tensão arterial, nas praças de grande movimento das cidades de Lisboa, Coimbra e Porto, para demonstrarem que os médicos querem trabalhar e prestar bons serviços ao público.

Estudantes de medicina do Porto

Porto (da nossa delegação) — Centenas de estudantes de Medicina da Universidade do Porto concentraram-se, ontem de manhã, em frente às instalações da RTP no Monte da Virgem, protestando contra o silenciamento de que tem sido alvo por parte daquele órgão da comunicação social e exigindo direito de resposta a Leonor Beza, ministra da Saúde do Governo de Cavaco Silva.

Os estudantes de Medicina, que estão em greve às aulas até à próxima quinta-feira, como forma de protesto contra o decreto-lei governamental, regulamentador do Internato Geral, gritavam palavras de ordem como «trabalho digno sim, desemprego médico não», «nós queremos ser ouvidos», «não, não, não à falsa informação», «onde está a RTP, onde está que, ninguém a vê?» e «queremos responder à ministra vigarista».

Após meia hora de negociações entre uma delegação dos estudantes e a direcção da RTP do Porto, foi assegurado aos manifestantes o seu direito de resposta, nomeadamente através de um debate televisivo, que contará também com a presença da Ordem dos Médicos.

Durante a manifestação, os comentários eram: «vimos aqui delicadamente pedir que nos filmem, que nós também queremos aparecer na televisão» ou «como eles não nos viam por estarmos longe, viemos para perto para eles nos verem».

Outros exigiam a demissão de Leonor Beza e a indigitação, para aquele Ministério, de alguém que perceba de saúde.

Prosseguem, entretanto, os «piquetes de esclarecimento» em locais como as estações de Campanhã e S. Bento, Porto, para demonstrarem que os médicos querem trabalhar e prestar bons serviços ao público.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Mercado de trabalho